

Realização:



Parceiros:



Patrocínio:



Avaliação Ecossistêmica do Milênio e o pensamento indígena

como os povos indígenas desejam construir seu futuro

*- Kayabi, Mandoki, Myky, Nambikwara e Xavante -
Mato Grosso, Brasil*

- Kayabi, Manohi, Myhy, Nambikwara e Xavante -

As Árvores

As árvores são a vida das águas

As árvores são a vida das frutas do cerrado e das florestas

As árvores é viver remédios tradicionais na natureza

As árvores são para ficar na sombra na terra

As árvores são a respiração da terra, é respiração para todo mundo, os seres vivos e humanos

Nas florestas e no cerrado acontecem as festas e danças, a caça, e tiramos os remédios

(Vanderley Temirete - Xavante)

Foto: Andreia Fanzeres.



Foto: Povo Kayabi - Chico Stuchi.

Avaliação Ecosystemática do Milênio e o pensamento indígena

como os povos indígenas desejam construir seu futuro

- Kayabi, Manoki, Myky, Nambikwara e Xavante -

Cuiabá - Mato Grosso
2011



Expediente

Textos:

Povo Manoki

Manoel Kanunxi
Bernadino Realino
Donizete Realino
Marta Tupxi
Giovani Tapura
José Francisco

Povo Myky

Yananxi Myky
Mākakoxi Myky
Claudio Manoki/Myky
Māty'y Myky
Kiwuxi Myky

Povo Nambikwara

José Angelo Txyalikisú

Povo Xavante

Wanderlei Temerite Xavante

Povo Kayabi

Eroit Kayabi
Elimar Akai Munduruku

Coordenação:

GPEA : Michèle Sato
OPAN: Ivar Busatto
Projeto Berço das Águas: Juliana Almeida

Edição Geral:

Liete Alves
Projeto Gráfico: Regina Silva
Desenho da Capa: Eroit Kayabi
Foto da Capa: Andreia Fanzeres

Equipe de edição/revisão:

Adriana Werneck Regina
Andreia Fanzeres
Artema Lima
Michelle Jaber

Concepção Metodológica da Oficina:

Adriana Werneck Regina
Artema Lima
Imara Quadros
Liete Alves
Ruth Albernaz

Oficineiros:

Adriana Werneck
Aitana Salgado
Andreia Fanzeres
Artema Lima
Chico Stuchi
Denize Amorim
Imara Quadros
Kelly Souza
Juliana Almeida
Lola Campos
Luã Kramer
Lucia Kawahara
Maria Liette
Michèle Sato
Michelle Jaber
Paulo Jasiel
Regina Silva
Rosana Manfrinate
Ruth Albernaz
Samuel Oliveira Jr

Realização:



Parceiros:



Patrocínio:





Sumário

- 04** Berço das Águas
- 06** Apresentação
- 08** Capítulo 1. O Projeto Milênio, segundo os índios
- 10** Capítulo 2. Nosso universo - Nossa terra- Nossa gente
- 18** Capítulo 3. Impactos, conflitos e ameaças
- 28** Capítulo 4. Táticas de sobrevivência e sustentabilidade
- 31** Capítulo 5. Sonhos possíveis
- 38** Parceiros



➤ Berço das Águas

A OPAN desenvolve junto com os povos Myky e Manoki o Projeto Berço das Águas, que tem patrocínio da Petrobras através do Programa Petrobras Ambiental. O projeto se propõe a identificar as potencialidades de seus territórios e os usos que deles os indígenas desejam fazer, assim como a sistematização de suas demandas por meio de planos de gestão territorial.

O Projeto Berço das Águas tem ainda como objetivo apoiar e realizar intercâmbios de experiências em gestão territorial entre os povos, oferecer formação para os gestores das associações e agentes ambientais indígenas, criar um fundo para pequenos projetos, dar suporte a cadeias produtivas de produtos florestais não madeireiros, além da elaboração dos planos de gestão, contribuindo para a implantação da Política Nacional de Gestão Ambiental nas Terras Indígenas (PNGATI) em Mato Grosso.



Foto: Flavio Souza / OPAN.



Apresentação

Esta publicação foi construída com representantes dos povos indígenas, Manoki (Irantxe), Myky, Nambikwara, Xavante (MT) e Kayabi (MT/PA). Ela expressa assuntos relacionados ao **Projeto Milênio**, que pretende dialogar com os governos e as pessoas sobre qual a melhor maneira de lidar com a natureza para melhorar a qualidade de vida e garantir a sustentabilidade do planeta Terra. A Operação Amazônia Nativa (OPAN), o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte da Universidade Federal de Mato Grosso (GPEA/UFMT), a Rede Mato-grossense de Educação Ambiental (Remtea) e o Instituto Icaracol foram parceiros neste trabalho.

PROJETO MILÊNIO

O Projeto Milênio nasceu a partir de um relatório encomendado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em junho de 2001, que teve a importante função de revelar a situação de degradação do meio ambiente no mundo, assim como a importância disso para nossas vidas, agora e no futuro. Este relatório é o que chamamos de Avaliação Ecológica do Milênio, devendo ser atualizado a cada cinco anos.

Foto: Artema Lima.



Este livreto resultou da “Oficina Avaliação Ecológica do Milênio”, realizada entre 16 e 19 de agosto de 2011 na Universidade Federal de Mato Grosso. Os desenhos e os textos editados são de autoria dos indígenas, e foram elaborados a partir de depoimentos orais e escritos. Eles oferecem um diagnóstico socioambiental da situação atual das terras indígenas e podem contribuir para uma melhor compreensão de agentes públicos sobre o vínculo que estas comunidades possuem com o meio ambiente, dando, assim, um exemplo de sustentabilidade possível.

A OPAN, o GPEA, a REMTEA e o Instituto Caracol acreditam que produtos como este podem ser poderosos instrumentos para o avanço das discussões e negociações entre os diversos povos indígenas, com empresas, organizações da sociedade civil e governos, dentro da perspectiva de valorização cultural e conservação da biodiversidade.



Foto: Samuel Oliveira Jr.

Participantes da Oficina



Fotos: Regina Silva.

Capítulo 1.

O Projeto Milênio, segundo os índios

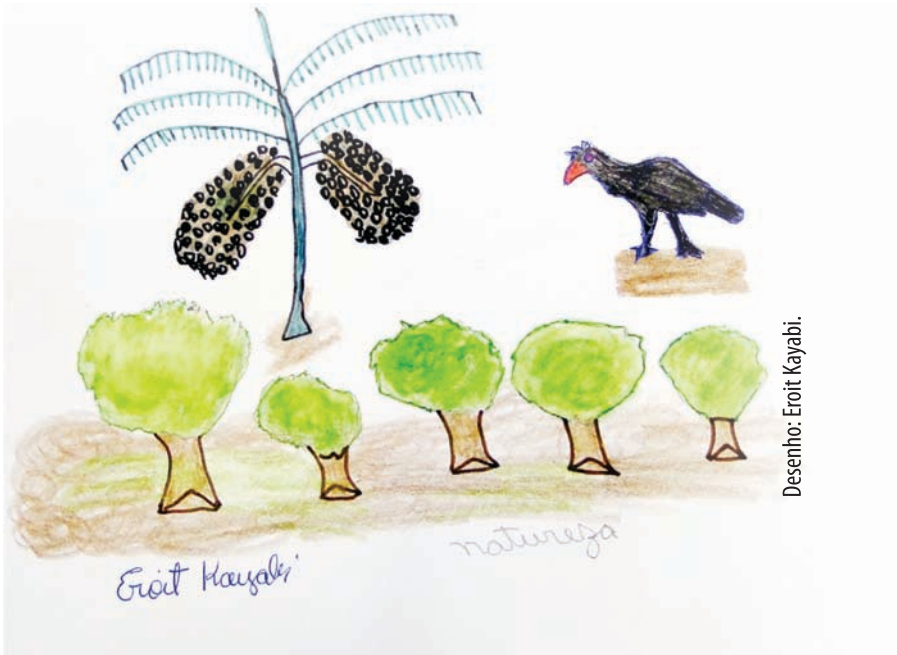
O Projeto Milênio quer a melhoria do nosso planeta, garantindo a sustentabilidade para os seres vivos que existem na Terra. Hoje, os pesquisadores estão descobrindo os problemas maiores que acontecerão daqui a 50 anos e tentando diminuir os impactos para a nossa melhoria. Eles descobriram as coisas que nos preocupam a cada ano que se passa: desmatamento, queimadas, barragens nos rios... Então, essas são as preocupações dos pesquisadores e da nossa população indígena. (*Eroit Kayabi e Elimar Akai Munduruku*).

SERVIÇOS ECOSSISTÊMICOS

As matas, os rios e tudo que faz parte da natureza são chamados pela Avaliação Ecológica do Milênio de Serviços Ecológicos. Eles são as bases materiais da vida e podemos classificá-los em materiais e imateriais. Os materiais são os de provisão (incluindo alimentos, água, madeira e fibras); os reguladores (que controlam o clima, inundações, resíduos e a qualidade da água) e os de suporte (como formação do solo, fotossíntese e ciclo de nutrientes). Os serviços culturais são os que fornecem benefícios de diversão e lazer, arte, espirituais e religiosos. Esses serviços são fundamentais para a sobrevivência do ser humano, sendo que os mesmos estão presentes no nosso dia-a-dia, na produção e na utilização dos alimentos, no manejo das espécies, nas festas, nas tradições, no conhecimento passado de geração para geração, entre inúmeras outras interações dos povos.

O objetivo é parar de fazer coisas ruins que afetam nosso planeta, como desmatamento, queimadas, barragens nos rios. Queremos que as pessoas que causam esses problemas pensem em estratégias boas que não agridam o nosso planeta. Então, vamos cuidar do que está restando em nosso planeta, queremos a sua parte! (*Eroit Kayabi e Elimar Akai Munduruku*).

O Milênio é para construir juntos, valorizar os saberes de quem soube viver respeitando a natureza. Trocar conhecimento, valorizando a diversidade de saberes. Buscar compreender as identidades das comunidades. As práticas culturais, sociais, econômicas e a educação. A natureza está sofrendo na sociedade global. Está tudo diminuindo. No Brasil tem muito desmatamento. Está acontecendo no Brasil, no Mato Grosso. Precisa recuperar o planeta para melhorar a qualidade de vida para todos os seres vivos. O sistema social e econômico provocou mudança. (*Vanderlei Temirete—Xavante*).



Para nós é muito importante tudo aquilo que Tuiararé deixou na terra, tanto para nós, indígenas, e para não indígenas. Então, tudo isso que vale para nós hoje está sendo destruído pelo homem. Na terra estamos passando do limite, fazemos as coisas que Tuiararé não permite fazer. (*Eroit Kayabi e Elimar Akai Munduruku*).

Capítulo 2.

*Nosso universo
Nossa terra
Nossa gente*



Fotos: Regina Silva.

Na natureza encontramos tudo

Enquanto povo indígena, convivemos com o ambiente, natureza e território. O não índio não vive assim. Ele destrói seu próprio território. Nós não separamos ambiente, natureza e território porque nós viemos desses três elementos e valorizamos o que temos. Não derrubamos tanto, plantamos as coisas dentro da nossa necessidade e hoje enfrentamos dificuldades que vêm se aproximando através do “progresso” do homem. Mas existem outras visões, além da minha. São preocupantes as visões de progresso do governo. O não índio tem sua lei, mas não estão cumprindo. Podiam deixar uma porcentagem, cada fazendeiro, para ter uma proteção das matas. Mas o homem branco acaba com tudo, não respeita a lei. *(Manoel Kanunxi - Manoki).*

Nela, tem chefe escolhido pela comunidade para organizar nossa festa tradicional. É um ritual nosso. Trabalhamos com roça. O chefe que faz parte do ritual tem data do mês para fazer roça, ele organiza. Depois, quando vai queimar a roça, planta mandioca, que são várias (brava, para biju, para chicha, para fazer assado). O chefe escolhe quem caça. É o nosso sistema. Na verdade perdemos muito da nossa língua materna. Se contar, nossa historia é um pouco triste porque quase fomos extintos por causa do contato com homem branco. Outras etnias ajudaram muito, como Cinta Larga, Kayabi, Nambikwara. Mesmo com as dificuldades de perder a língua materna, conseguimos buscar os rituais de volta. O que precisamos muito é que nossas terras sejam demarcadas. *(Bernardino Realino - Manoki).*

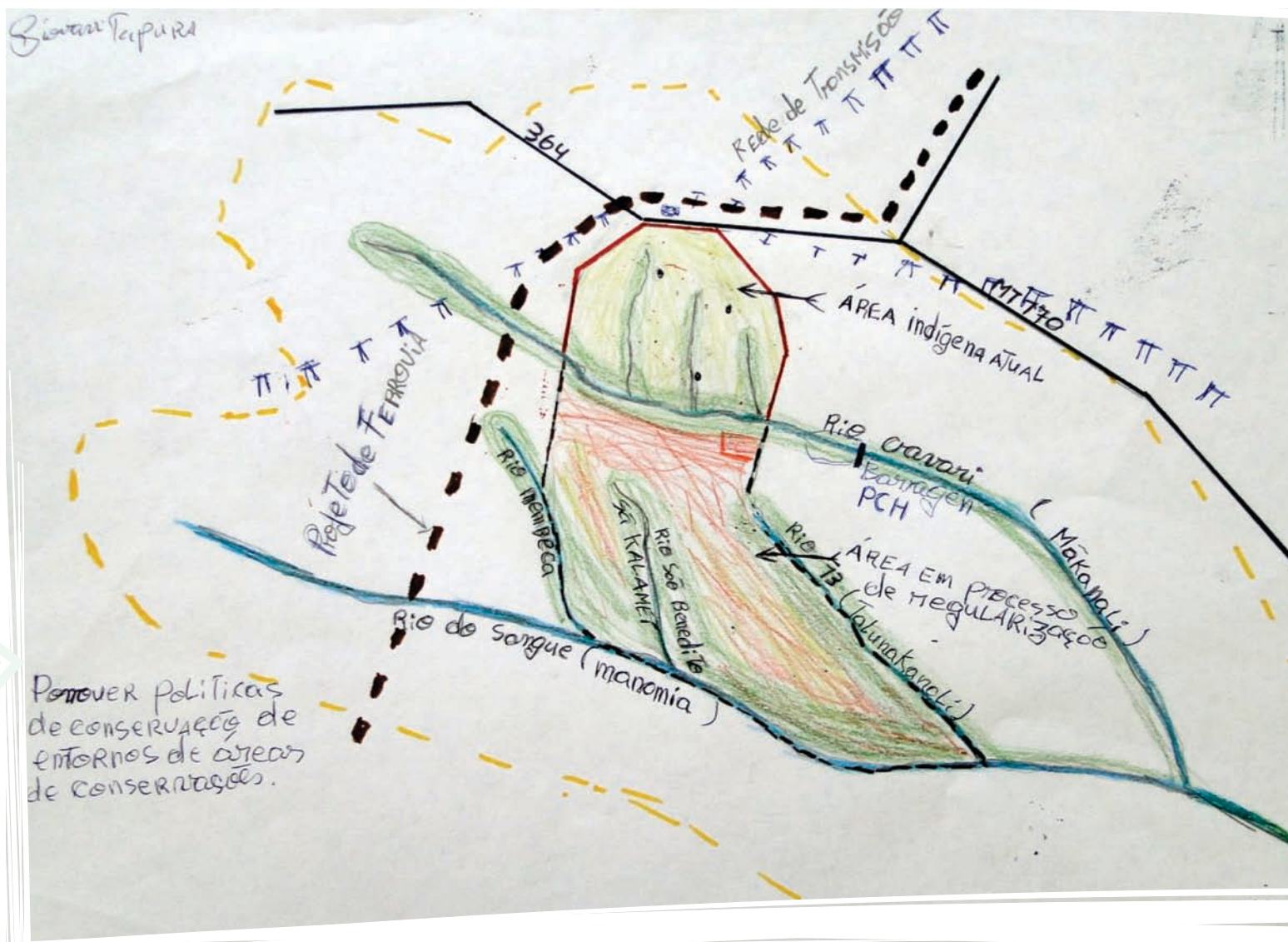


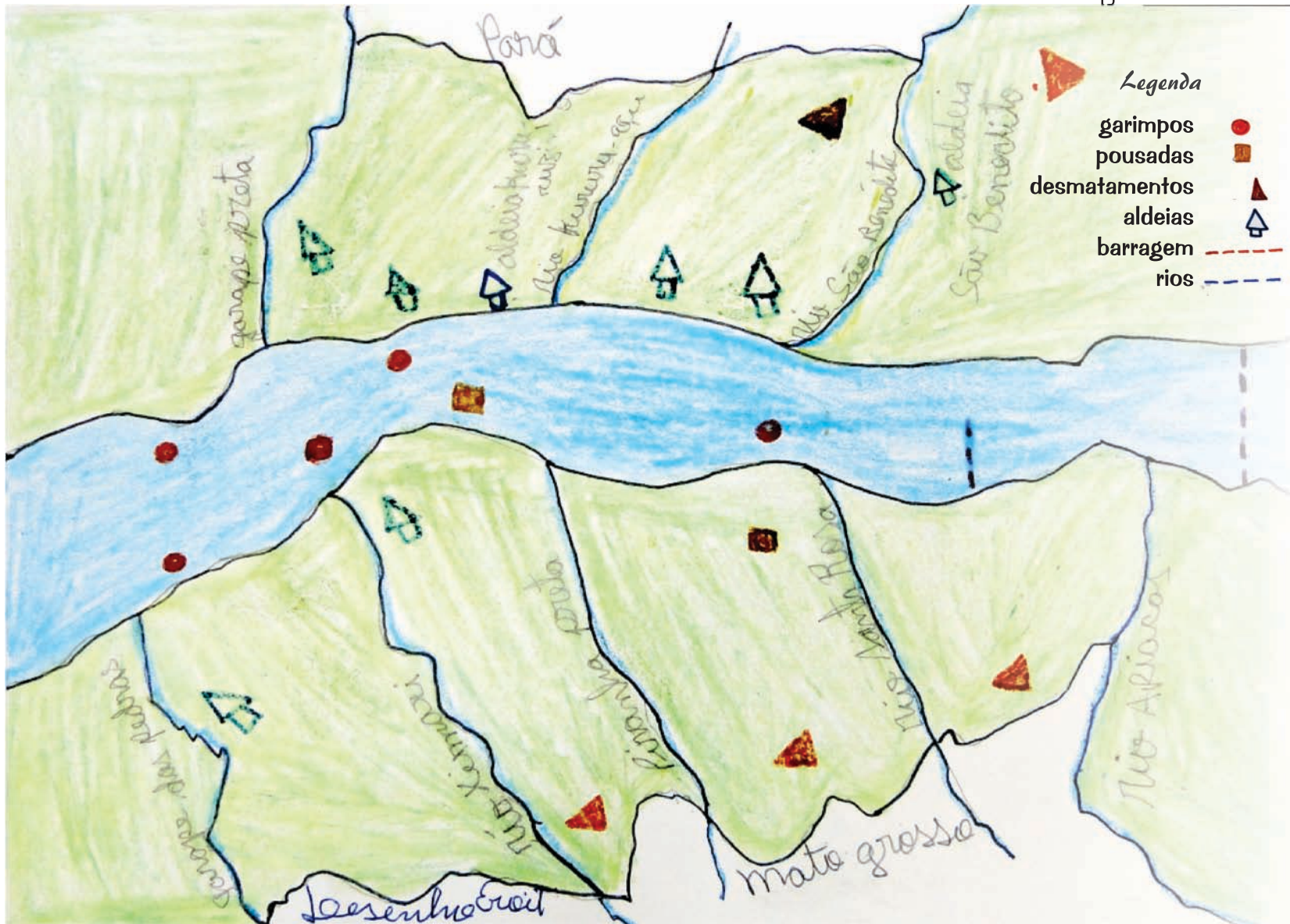
Foto: Construção da casa da medicina tradicional. Povo Manoki. Aldeia Cravari. Sergio Lobatto.





Foto: Vista aérea da Terra Indígena Kayabi. Marcelino & Gallo, 2009.

Parte do nosso povo vive nas terras indígenas Kayabi, localizadas nos municípios de Apicás-MT e Jacareacanga-PA. Em nossa aldeia convivemos com as nossas famílias, tudo que consumimos é dividido. Em nossa aldeia caçamos, pescamos, fazemos roças e plantamos alimentos que são tradicionais dos Kawaiwete. Os alimentos consumidos são naturais. *(Eroit Kayabi e Elimar Munduruku).*



Terra Indígena Kayabi - elaborado por Eroiti Kayabi.

O que nós respeitamos na natureza: as águas, as florestas, os rios, o Cerrado, as nuvens, as terras. Não derrubamos as árvores e desmatamos, não envenenamos as águas. Tudo isso é para nós vivermos, para todos que são vivos. Na natureza encontramos tudo. A natureza é remédio. Os rios são a respiração do ar. Nos rios vivem os peixes, os animais, e deles bebemos água. No rio também fazemos as festas. A água é a vida, por isso tem que cuidar bem. (Vanderlei Temirete – Xavante).

Desenho: Vanderlei Temirete – Xavante.



animais

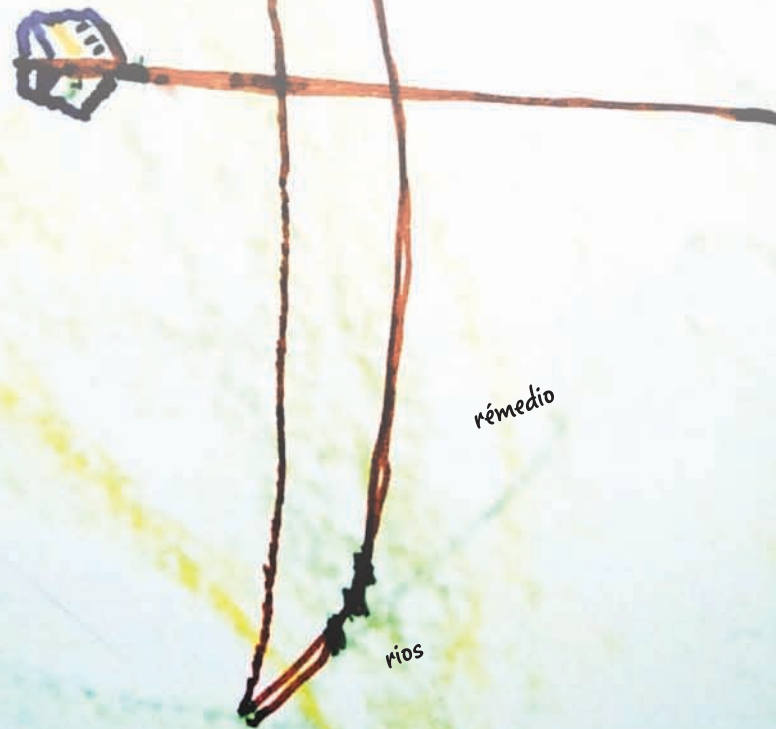
fruto do mato



águas

alimentação
tradicional

fruto do Cerrado



remédio

rios

Eu vou morrer em Marãiwatsédé,
vou pra lá criar minha aldeia.
Lá é nosso lugar.
O governo está brincando.
Ele não sabe de nada.
A estrela é o calendário do Xavante.
A Terra está doente!!
Xavante é global!

Temos problemas no global
Todas as terras estão envenenadas.

(Vanderley Temirete - Xavante)

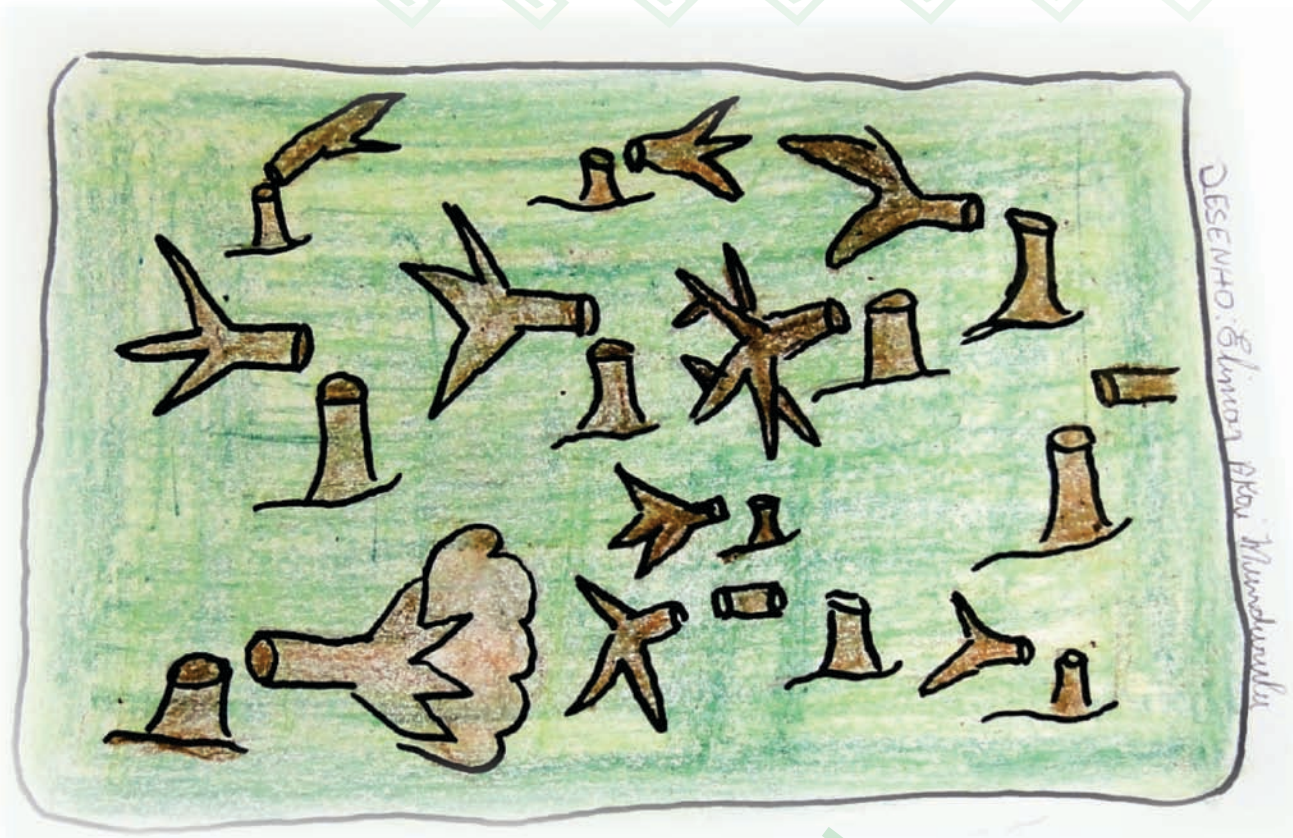


Foto: Artema Lima.



Terra Indígena Marãiwatsede - elaborado por Vanderlei Temirete.

Desenho: Elimar Mundurucu.



Capítulo 3.

Impactos Conflitos Ameaças

Relatos de pressões, agressões, invasões e muita resistência!

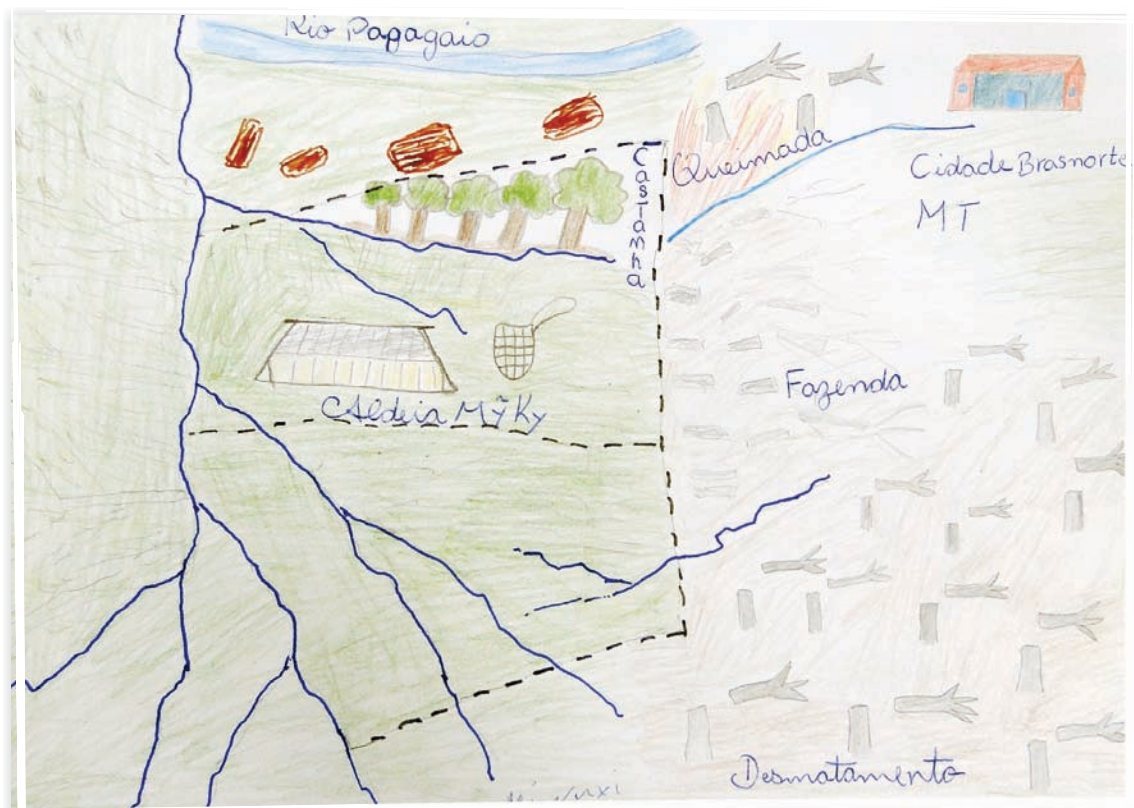
“ Chegamos à nossa reserva de tarde, estava um temporal, você via por cima da aldeia aquele pó vermelho, igual fumaça. Esse pó é cheio de agrotóxico. ”

Na semana passada eu estive em Cuiabá em uma reunião, chegamos na nossa reserva de tarde, estava um temporal, você via por cima da aldeia aquele pó vermelho, igual fumaça. Aí a gente pensa: logo, logo estamos sofrendo crise grande de saúde com nossas crianças e nossos velhos. Esse pó é cheio de agrotóxico. Eu não tenho estudo, mas pelo meu conhecimento, a gente vê que logo: vamos ter gente com mais problema de saúde porque nossa área é bem de frente com as fazendas e os armazéns. *(Bernardino Realino - Manoki)*.

Tem uma grande ventania em todo o nosso território. Já que há fazenda de todos os lados, estamos cercados, a poeira subiu dos dois lados, cobriu todo o nosso território, e com isso começamos a respirar agrotóxico, que não vem só de avião, mas de poeira também. Aí polui o rio, as matas, os peixes, os animais, as frutas. Foi semana passada. Antes não tinha isso. *(Manoel Kanunxi - Manoki)*.



Fotos: Regine Silva.



Desenho: Kiwaxi Myky.

ZONAS DE AMORTECIMENTO

Os relatos dos índios sobre os impactos trazidos pela proximidade do agronegócio evidenciam a necessidade de serem mais bem definidos os critérios a serem adotados na criação de amortecimento no entorno das terras indígenas e respeitada a sua aplicação. Segundo o artigo 4º da Resolução CONAMA 378/06, fica a critério da Fundação Nacional do Índio (FUNAI): “A autorização para exploração de florestas e formações sucessoras que envolva manejo ou supressão de florestas e formações sucessoras em imóveis rurais numa faixa de dez quilômetros no entorno de terra indígena demarcada deverá ser precedida de informação georreferenciada à Fundação Nacional do Índio (Funai), exceto no caso da pequena propriedade rural ou posse rural familiar, definidas no art. 1o, § 2o, inciso I da Lei no 4.771, de 1965”.

“ Há 30 anos, você chegava à nossa reserva só via mata.
 Hoje, asfalto passa na porta da aldeia...
 Da aldeia enxergamos grandes armazéns

A gente planta roça de toco, planta milho, cará, batata, mas chegando uma seca, vai morrer.
 Está mudando o tempo. (Elimar Akai Munduruku).

Quando vamos caçar, vemos que o córrego está seco. (Vanderlei Temirete - Xavante).

Há 30 anos, você chegava à nossa reserva só via mata. Demorava muito, só via Cerrado. Hoje, asfalto passa na porta da aldeia. Saindo da nossa divisa, chegamos à lavoura de soja e algodão. Da aldeia enxergamos grandes armazéns. Nos últimos anos foi construída subestação de energia bem na frente da nossa aldeia. Tudo isso é um problema. (Bernardino Realino - Manoki).



Desenho: Domizete Realino.



Foto: Povo Nambikawara.
Marcello Flores

O problema do meio ambiente não é um problema nosso, não somos nós que estamos prejudicando, nós estamos cuidando do meio ambiente. É a política do Estado para o agronegócio, que protege as áreas dos índios e libera o espaço para o agronegócio. Não adianta proteger só o rio que corta a aldeia, se ele passa ou se a nascente dele é no território do fazendeiro. Não adianta proteger aqui se está passando veneno ao lado. As coisas não funcionam assim, colocando só um pedaço para a preservação. *(José Ângelo – Nambikwara).*



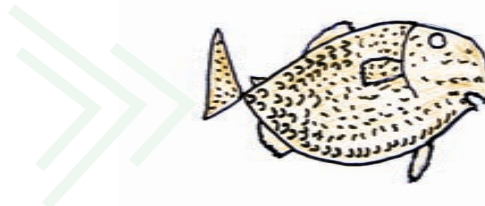
“ Passamos o dia inteiro pescando e não trazemos nada para a família comer...”

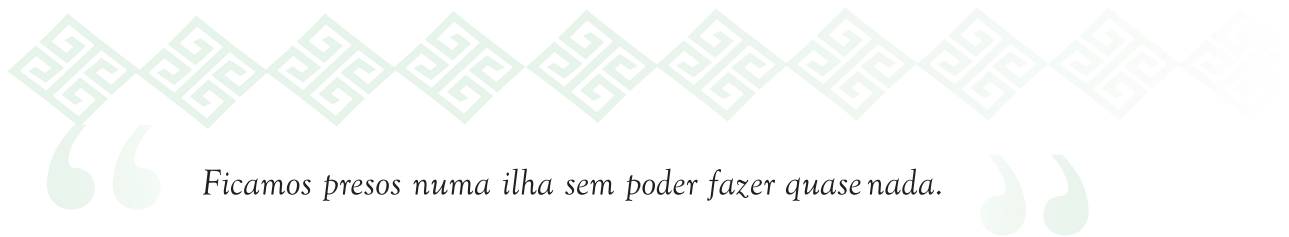
O peixe está acabando. O fazendeiro pesca em cima e não sobra nada. Ele só suja a água. Ele passa de avião com veneno e nós estamos com medo. É perigoso tomar água. Estamos encostados no fazendeiro, só tem pasto. Chegou a fazenda e acabou com tudo. Madeireiro também acabou com tudo. Ele queima, bota fogo, não tem jeito. Nós trabalhamos na roça. Tem mulher que planta algodão e faz rede. La mesmo não tinha tucum, tinha na fazenda. Agora fazendeiro não deixa pegar tucum, mas ele tem que respeitar o índio. Castanhal também fazendeiro queimou. Agora caiu tudo, queimou tudo, ficou tudo pasto. *(Kiwuxi-Myky)*.

Na época de chuva, a gente vê o rio bem vermelho. Isso quer dizer que vem poluição da fazenda. Na seca, o agrotóxico vem pelo ar, na chuva vem pela água. Nós não temos mais o hábito de caçar todos os dias, como na época dos velhos. Hoje fazemos as caçadas grandes quando tem ritual. Hoje podemos fazer as caçadas só neste tempo. Você pode ficar o dia inteiro esperando e não encontra nada. *(José Francisco - Manoki)*.

O cumprimento dos rituais é muito importante para as comunidades indígenas. O ritual depende da alimentação tradicional, que são os animais da mata e dos rios. Ao organizar o ritual, não tem como organizar os alimentos que não sejam do meio ambiente, natural da natureza. As usinas hidrelétricas afetam dentro das nossas comunidades, não tem como realizar ritual sem os alimentos que sejam do meio ambiente, que sejam naturais. *(Marta Tuptxi - Manoki)*.

Primeiro tinha peixe, tinha caça. Hoje em dia, nós vamos pescar e pegamos um piau, dois piaus. Passamos o dia inteiro pescando e não trazemos nada para a família comer. Esta mudança é difícil para nós. *(Bernardino Realino - Manoki)*.





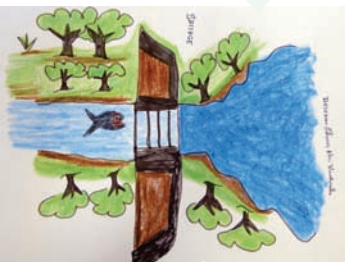
Ficamos presos numa ilha sem poder fazer quase nada.

Quando tem ritual, saímos para caçar com arco e flecha. Os animais ficam na beira das lavouras (plantações do agronegócio, vizinhas de suas terras). Quando a soja está grande, os animais chegam e comem. A planta já tem veneno, o animal come e com certeza ele é contaminado. Uma vez vimos que comemos carne, e o animal estava gordo e bonito, mas não fez bem, tivemos diarreia. Quando a gente vai para a terra nova, o sabor da carne é bem diferente. A gente mata o mesmo animal, mas a qualidade da carne é muito melhor. *(Bernardino Realino - Manoki)*.



Mas está tudo acabando. Ficamos presos numa ilha sem poder fazer quase nada. Como vamos viver? Estamos preocupados. Sobre os empreendimentos que chegam, as Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH). Parece que eles vêm para melhorar, mas os índios não veem esse lado da melhoria. Cada vez nos sentimos mais impensados. Dizem que vão compensar os impactos. Há pouco tempo fizeram a represa no rio Cravari, os peixes ficam presos, não sobem mais. Na nossa área acabou tudo. Agora vão fazer o açude. Mas não pode fazer porque o Ibama não permite derrubar para fazer o açude. Então, será que compensou os impactos? O governo fala de melhorias, mas ficamos impensados. Veja o rio Cuiabá como está, parece tudo barro. Será que é desse jeito que queremos para a nossa região? *(José Francisco - Manoki)*.

Desenhos: Elimar Munduruku.

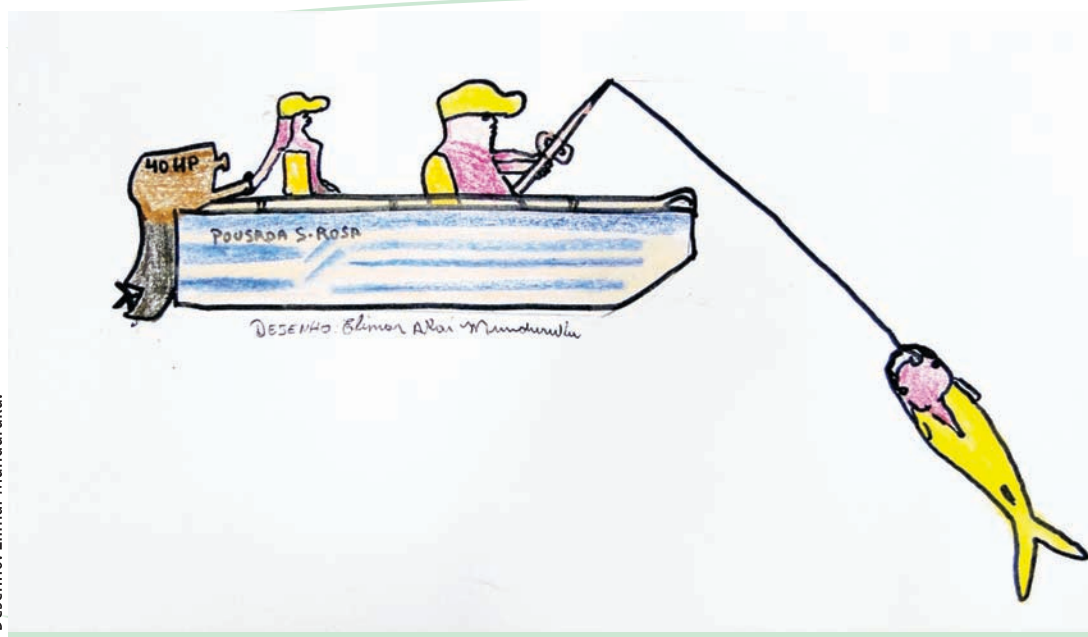


O governo destrói muito a natureza. Fazem as PCHs que prejudicam a natureza, e projetam desvio para o peixe subir, mas peixe não sobe. Onde moro vão construir uma barragem. Muitas vezes, ali estão todos os principais recursos. E não são só recursos que estão na nossa terra. Tudo o que existe para nós é sagrado, onde é desmatado e construído é onde moraram e andaram os nossos antepassados. Muitas vezes, o homem branco não observa este lado. O homem branco tem igreja, alguma santa que é sagrada, ali não se pode mexer, ali não pode destruir. Assim também é o nosso modo de vida. Temos lugares que são sagrados, a gente não pode mexer. Só que os brancos passam do limite muitas vezes. Não sei se é porque não têm o conhecimento. Os indígenas têm, todos os parentes têm alguns lugares sagrados e rituais. Ainda precisa ter estudo para incluir estes espaços, não se pode deixar eles de fora da demarcação. *(Elimar Munduruku)*.



Em nosso território e comunidade queremos continuar com nosso modo de vida. Muitas vezes ficamos muito perturbados com as coisas que vêm ocorrendo muito rápido e contra nossos direitos. Temos várias invasões em nossas áreas, desmatamento, pesca predatória (que acontecem nas pousadas), garimpo e, principalmente, a não demarcação da terra indígena, e as hidrelétricas com barragens. O que mais nos preocupa é que tudo isso vem acontecendo e nunca ninguém toma providências. O que será que vai acontecer com nosso planeta mais tarde, o que vai restar para a população humana do nosso país? (Eroit Kayabi e Elimar Munduruku).

Desenho: Elimar Munduruku.



História:

“ Um Brasil inteiro com matas bem limpinhas. ”



Foto: Regina Silva.

Antes de 1500 tinha floresta, Cerrado, mata fechada. Depois chegaram os portugueses e começou o desmatamento e a derrubada dos habitats no Brasil. A história do antigo Xavante é que vivia no Brasil inteiro com matas bem limpinhas.

Em 1945 tinha mata fechada com frutos do Cerrado e da floresta . Tiraram Xavante de lá e desmataram tudo. Os anciãos disseram para voltar para Marãiwatsédé. Ainda ficou uma mata, mas mexeram no cemitério. Agora Xavante voltou e está tudo desmatado, tudo com lavoura. Mas meu pai Damião é guerreiro e está no nosso território. Agora não tem mais floresta, só pasto.

No território Pimentel Barbosa, em 1998, começou o desmatamento, o fazendeiro invadiu. No ano de 2000 ficou ainda pior, muito agrotóxico, jogavam lixo nos rios, e alguns rios secaram. Quando chove, toda a sujeira vem pra dentro da Terra Indígena Pimentel Barbosa e nós temos que beber água suja.

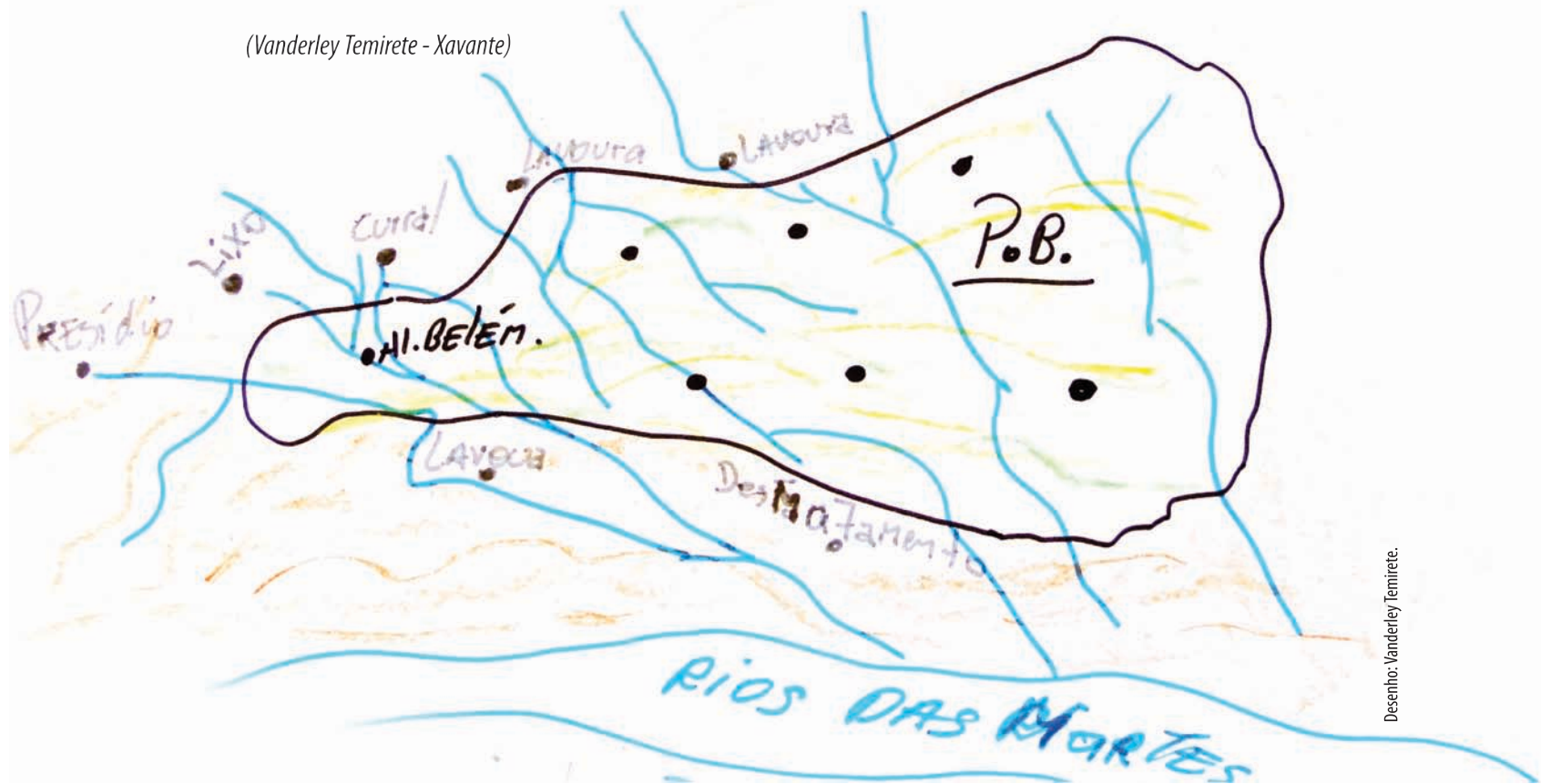
No ano de 2005 já estava cheio de soja e milho no entorno. Tudo muito mal. De 1995 até 2000 começou a seca...Teve uma vez que morreram 95 Xavante por causa da contaminação por agrotóxicos. Em volta tem as lavouras. Quando chove vem todo o agrotóxico usado na lavoura para água de Pimentel Barbosa. Está matando tudo aos poucos.

Próximo ao rio tem um presídio e todo o esgoto do presídio vai para o rio que depois vai para a terra indígena. Os problemas globais são desmatamento, agrotóxico, água contaminando, água poluída, hidrovias, infraestrutura, criação de boi, jogar lixo... Além disso tudo ainda tem as represas no entorno da terra indígena. Só lá são oito represas. Em 2009 tudo ficou seco, não passou águas, morreram muitos peixes, bichos. A água é a vida da natureza. *(Vanderlei Temirete-Xavante).*

PROBLEMAS

A Água
 A água é vida da terra
 A água é vida dos peixes
 A água é vida dos sapos
 A água é vida dos Xavante.

(Vanderley Temirete - Xavante)





Capítulo 4.

Táticas de sobrevivência e sustentabilidade

Maneiras de enfrentar as ameaças, as pressões, os conflitos

Lá não precisa de segurança, de polícia. Enfermeiros e pessoas da comunidade são os mesmos que cuidam da população. Na nossa região, temos os professores indígenas, os agentes de saúde, agentes de saneamento, os agentes ambientais. Aos poucos a gente vai pegando esses campos para a gente mesmo cuidar do que é nosso. *(Giovani Tapura - Manoki).*

Temos um trabalho do Prevfogo, que é do Ibama, mas há uma equipe dentro de indígenas. O pessoal da saúde com vários índios, professores indígenas, nosso povo mesmo. E através desse projeto da OPAN, o Berço das Águas, estamos fazendo parte como agentes ambientais. Fora desse trabalho de organização do ritual, temos a associação que trabalha. Falamos bastante dos impactos das hidrelétricas e PCH. A associação atua nesta parte. O certo é os governantes estarem ouvindo tudo isso. Devia ter limite para cada pessoa, quantia para o que pode produzir. Do jeito que está uma pessoa só planta 10 mil hectares de terra, enquanto os pequenos que precisam, que sofrem igual, não conseguem plantar nem mil. Se ele tem condições, por que não investem em projeto para os outros? Os grandes fazendeiros tomam espaço dos menores. Não tem limite para o grande fazendeiro plantar e produzir. Os nossos deputados e vereadores deveriam criar uma lei e normas para colocar limite. *(Bernardino Realino - Manoki).*

Precisamos de mais união para proteger nosso território. Hoje a nossa população está aumentando, está crescendo a cada dia mais, então temos que divulgar ao mundo, para as pessoas que querem nos ajudar. Precisamos pedir ao governo que faça parte do grupo que quer combater os impactos ambientais e sociais. Queremos forças para pensar junto com o governo em algum objetivo diferente que não crie impactos, mas sim algo diferente que desenvolva legal o nosso país brasileiro. *(Eroit Kayabi e Elimar Munduruku).*

Não esquecer da nossa cultura, da nossa roça. Não perder isso para o futuro de nossos netos e nossos filhos. Sempre ter roça de toco, ter a nossa mandioca, ter a nossa batata, o nosso cará, o nosso feijão, ter a nossa roça de onde pegamos a alimentação do nosso futuro. *(Manoel Kanunxi - Manoki).*



Desenho: Makakoxi M'ky.

Estamos inseridos no meio acadêmico para não sermos obrigados, para caminharmos com as nossas próprias pernas e atingirmos os nossos objetivos. Assim, tentar preservar aquilo que está sendo atingido pela sociedade envolvente. Queremos crescer no meio político, saber o que está acontecendo e defender todos os povos indígenas que sobrevivem. Muitos povos já foram massacrados, quase extintos. Por estas questões, tivemos que sair das nossas comunidades para ajudar a comunidade. *(Marta Tuptxi - Manoki).*



Capítulo 5.

Sonhos possíveis

O futuro possível - Sonhos e desejos

Queremos nossas terras seguras e demarcadas, pois sem ela não sobrevivemos. Água boa, alimentação, tudo depende da terra. Nós, Manoki, estamos numa época de terminar a demarcação do território, através dos históricos, lutamos junto com eles. Já foi demarcada, já está nas últimas instâncias para a retomada da área e o nosso pensamento: através disso vamos ter mais espaço. A área já sofreu muito desmatamento, mas temos frutos que nossos antepassados usavam, temos pesca, remédio nativo. Vamos conseguir ter nosso espaço de novo. O índio nunca vai se separar do território dele. Quando falam do índio, sem perceber, elas se beneficiam do nosso território, porque se depender delas, o branco detona tudo. Um fazendeiro outro dia falou que a área é dele, disse que tirou as placas da terra indígena. Tudo isso é ruim. Ele não sabe o que está fazendo. Queremos discutir as leis, definir os limites da expansão das fronteiras e modelos de desenvolvimento. (*Bernardino Realino - Manoki*).



Desenho: Donizete Realino.



SONHO XAVANTE

O que nós queremos para melhorar o mundo. Para melhorar é recriar e reforçar a natureza. Nós somos seres humanos. A natureza é para respeitar.
(Vanderlei Temirete - Xavante).



Desenho: Vanderlei Temirete - Xavante.

VANDERLEI TEMIRETE XAVANTE

Se não repassarmos isso para as futuras gerações, vai acontecer o que tem na cidade grande: janela fechada, grade nas casas. A gente não valoriza o que tem o maior valor, que é o que os velhos deixam para a gente, o respeito, a educação, o que passamos de pai para filho. Fico pensando se isso também é discutido em escola pública. Vamos aprofundando cada vez mais.

Hoje estamos num clima artificial (ar condicionado). Será que vamos conseguir viver gerações e gerações só neste clima? O saudável mesmo é o que a natureza desenvolveu há milênios. A gente constrói achando que é melhor para a gente mesmo. E vemos a tecnologia como uma arma, um suicídio. Estamos nos suicidando. Enquanto a minoria luta para ter coisas saudáveis, a maioria não está nem aí. Estamos só na ilusão, na ganância, não temos espírito, não temos amor pela vida. Está faltando amor à vida.

Queremos que todos tenham essa consciência. Vamos produzir, mas ter mais cuidado com o próximo, senão daqui a alguns dias não tem onde sermos enterrados. É um patrimônio, um planeta que não foi construído por seres humanos, então não é nosso. Nós que inventamos dinheiro. *(Giovani Tapura - Manoki).*



Foto: Regina Silva.



Nosso sonho é que os problemas em nosso Território sejam resolvidos, que providências sejam tomadas pelas autoridades, pelos órgãos responsáveis. Só assim nossos filhos, filhas, netos e netas saberão como isso é importante. O que vale mais é que a nova geração siga a nossa cultura, os nossos hábitos e crenças que temos em nossas aldeias. Para que isso aconteça, queremos a terra demarcada, homologada e preservada com tudo que Tuiararé deixou. Queremos ver o planeta sorrir com a alegria da natureza e a natureza sorrindo com a alegria da reprodução dos animais e dos peixes nadando no fundo do rio. Queremos que seja assim. *(Eroit Kayabi e Elimar Munduruku).*



Desenho: José Ângelo - Nambiquara.

Devolver a responsabilidade à sociedade e ao Estado e não só para uma parte como os indígenas, não somos só nós que usufruímos do meio ambiente. *(José Ângelo - Nambiquara).*



Foto: Povo Nambikawara - Marcello Flores.

Origem do mundo

contada por Bernardino Realino e povo Manoki

Todas as etnias viviam dentro da pedra, sem briga e sem doença, inclusive os animais. O urubuzinho - um passarinho bem pequenininho, de barriga branca, costa preta e que tem casinha no chão - fez um buraco pequeno e saiu de dentro da pedra. Ele viu que aqui fora tem campo, árvore, água e achou bonito. Ele voltou para dentro da pedra levando uma flor no bico. Falou para eles que fora da pedra tem outro mundo muito bonito, que precisavam sair e ver. Os animais ajudaram fazer buraco para eles saírem. A cotia e a paca quebraram a pedra e todos os seus dentinhos, sobrando somente os da frente. Somente um tipo de marimbondo - que faz casa do barro - conseguiu passar, abriu um buraco de pó em pó e conseguiu abrir a pedra. Cada povo tomou o seu rumo e o Manoki ficou na região.

Tinha um senhor de idade, bastante feio. Na hora que todos saíram ele esqueceu a cera - usada para fazer flecha - e voltou para pegá-la. Como o pessoal se considerava mais bonito, pegaram uma pedra, rolaram e taparam o velho lá dentro. Aí, o velho falou "você não querem que eu saia, vocês vão sair e vão brigar, terão doença, trabalharão para comer". Falou tudo o que ia acontecer, ele ouviu tudo o que acontece aqui fora.



Foto: Regina Silva.



A Origem da roça contada por Bernardino Realino e povo Mandhi

Os bichos se esparramaram na mata para sobreviver e iniciou a caça. O povo saía para caçar e, quando matavam, chegavam para os mais velhos e perguntavam “será que não podemos comer esta caça?”. Acreditamos que comendo alguns animais envelhecemos mais rápido, mas há outros animais que não. Houve esta experimentação, de onde vem o atual conhecimento do que pode comer e o porquê. No decorrer do tempo, precisou ter mais alimentação para o povo.

Existia um cacique que morava com a sua mulher e uma criança num lugar mais afastado da aldeia. Eles comiam um cará que tinha no mato, amargo. O velho saiu para pescar e caçar. Ele não gostava do filho dele. Toda vez que chegava em casa, o filho dizia “pai, o senhor matou”, ele assobiava como resposta. Um dia, a mulher saiu para caçar também. O menino saiu brincando até chegar num lugar bonito e disse “mãe, a senhora tem que me enterrar”. Ela começou a chorar e disse que não, “não, mas a senhora não vai me enterrar todo, vai deixar a cabeça para fora, a senhora vai me enterrar e eu não vou morrer. Se a senhora cuidar sempre de mim, eu vou sempre viver”. A mulher enterrou o menino. Neste tempo já existia o letá, só que o povo não tinha contato. Foi neste momento que o *letá* foi chegando, houve muito barulho e ela percebeu que não podia ver. O menino falou “mãe, pode ir, mas não olha para trás”. Ela correu e foi embora. Chegou em casa e o marido chegou também. Ele nunca tinha procurado o filho dele, e falou “mulher, cadê a nossa criança?”. Ela não respondeu e ele perguntou novamente. “Por que você quer saber de nossa criança, você não queria nada com ele”. Ela estava brava e ficaram quietos os dois, depois ele falou: “cadê o cesto?”. Ela pegou o cesto e comeram o cará que trouxe do mato. Ela começou a chorar e contou o que aconteceu com a criança. Ela ficou bastante preocupada com o barulho que tinha lá perto e com o que tinha acontecido com a criança. Naquele momento, quando ela acabou de enterrar, ele fez pedido para ela: quando chegasse em casa, falasse para o pai fazer cesto, cavadeira de pau, ralo, peneira. Os dois trabalharam, ela fez panela de barro, mas não sabiam para que era. Ele pediu ainda que quando os materiais estiverem prontos que poderiam olhar no lugar onde foi enterrado.

Quando foram para lá, a uma certa distância, viram uma clareira num lugar onde era tudo mata. Aí, viram que no lugar onde enterraram o menino, tinha plantação de mandioca, cará, feijão, vários tipos de feijão, cabaça. Cada órgão do menino virou uma coisa. O fígado virou cará roxo, a cabeça virou cabaça, a unha amendoimzinho. Dente virou milho. O que dá fora do chão veio da parte da cabeça. Braço, mandioca mansa, perna a mandioca brava, o pinto virou araruta, o testículo outro tipo de araruta. As tripas, ramas de batata, o sangue, urucum. A partir disso, compreenderam o sentido dos materiais que fabricaram, a peneira para massa, o ralo para a mandioca.

A mulher chorou bastante, a própria criança virou todos estes alimentos.

A partir deste momento apareceu o roubo. A comunidade que ficava afastada pegava da roça do cacique. Quando fizeram massa e deixaram secar ao sol, a formiga carregadeira passou perto, pegou a massa e passou na aldeia dando para as mulheres. Lá, fizeram o bolo, assaram, experimentaram e gostaram. Seguiram a formiga e chegaram à casa do cacique.

A mulher do cacique ficou brava e falou, “por que vocês não enterram os seus filhos também?” e contou onde conseguiram tais alimentos, “vocês que têm bastante filhos, podiam enterrar pelo menos um”.

Para não ter mais briga, repartiram a roça. No começo era para pegar e guardar para fazer roça, para plantar e ter o seu alimento.

Foto: Urucum - Artema Lima.



Desenho: Bernardino Realino.



Parceiros



GPEA

O Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) é certificado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atuando nas dimensões acadêmicas da docência, extensão e pesquisa, o GPEA é constituído por uma equipe multidisciplinar e tem produção significativa nos cenários nacional e internacional.



iCARACOL

O Instituto Icaracol é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, com caráter socioambiental e foi fundado em setembro de 2008. Nasceu pela necessidade de autonomia na gestão de recursos para as atividades de Educação Ambiental, bem como para favorecer os espaços da sociedade civil para a militância, participação e controle social das políticas públicas relacionadas à dimensão socioambiental.



INAU

O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas (INCT Áreas Úmidas ou INAU) é um projeto coordenado pelo Centro de Pesquisa do Pantanal (CPP) e pela UFMT. As pesquisas desenvolvidas no âmbito deste projeto visam contribuir com a elaboração de políticas públicas para a conservação e o manejo sustentável das áreas úmidas. O GPEA está inscrito nesta proposta com o projeto "Ciência e Cultura na reinvenção educacional" e também faz interface com a Avaliação Ecológica do Milênio.



OPAN

A OPAN foi a primeira organização indigenista fundada no Brasil, em 1969. Atualmente suas equipes trabalham em parceria com povos indígenas do Amazonas e do Mato Grosso, desenvolvendo ações voltadas à garantia dos direitos dos povos, gestão territorial e busca de alternativas de geração de renda baseadas na conservação ambiental e na manutenção das culturas indígenas.



REMTEA

Criada em 1996, a Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental (Remtea) é formada por várias redes, instituições, pessoas e outros elos regionais. Ela agrega redes municipais de educação ambiental, a Rede Juventude de Meio Ambiente (Rejuma) e a Rede Escola de Educação Ambiental (Redescola). Sua atuação também se estende a outras instâncias, tanto no âmbito do estado, como nas estruturas da Rede Brasileira de Educação Ambiental.



Foto: Flavio Souza/OPAN.

